

A EMOÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS

JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM¹; JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES²;
DIEGO LEMOS RIBEIRO³

¹Universidade Federal de Pelotas – josepaulobrahm@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo é baseado nos dados da tese de doutorado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A pesquisa tem como objetivo principal analisar as emoções expressas pelos visitantes no contexto expositivo do Museu Gruppelli, e os seus significados. O referido Museu, que serve como pano de fundo dessa pesquisa está situado na zona rural da cidade de Pelotas/RS, local que se denomina Colônia Municipal. Foi criado em 1998, pela iniciativa da comunidade local, que buscava um espaço para preservar suas histórias e memórias. O acervo do Museu é dividido em várias tipologias (esporte, doméstico, impressos, trabalho rural e trabalho específico). O acervo foi e é adquirido por meio da coleta, compra, troca e doação. Desde 2008, o Museu conta com o apoio da UFPel por meio do Curso de Bacharelado em Museologia, que realiza um projeto de extensão denominado “Revitalização do Museu Gruppelli”.

Esta pesquisa é desdobramento de dissertação de mestrado defendida pelo autor deste resumo no período de 2015-2017, no referido programa de pós-graduação. Aquela investigação teve como objetivo principal analisar a percepção museal¹ do público que visita as exposições do Museu Gruppelli. De modo geral, a pesquisa apontou para o fato de que os objetos musealizados são responsáveis por ajudarem os entrevistados, a partir de suas percepções museais, a afirmarem suas memórias e identidades pessoais e sociais, tanto pelo contato direto, como indireto, que tiveram com os mesmos. Concluímos ao cabo da pesquisa que o Museu estudado é um lugar de memória² e identidade. Além disso, vimos que a percepção museal do público possibilitou que os mesmos compreendessem os objetos pertencentes ao acervo muito além de sua materialidade, sendo responsável por ajudarem os entrevistados a reconstruírem e afirmarem lembranças e identidades.

Durante a pesquisa observamos que o público entrevistado ao se relacionar com os objetos tinha não somente memórias e identidades afloradas, mas também emoções. Tal situação reitera, o que apareceu em uma pesquisa de público realizada no Museu durante a exposição temporária “A vida efêmera dos objetos: um olhar pós-enchente”.³ Entre as emoções mencionadas pelos entrevistados durante ambas as pesquisas podemos citar: saudosismo, nostalgia, esperança, pena, lástima, alegria, tristeza. Essa experiência nos levou a ponderar

¹ Para Bruno (2006), a musealidade seria a percepção contextual da cultura material, temporalmente localizada e culturalmente orientada, cujo objetivo final seria a preservação. O termo utilizado é uma interpretação do autor deste trabalho sobre os dados coletados e observações feitas durante a realização das entrevistas.

² Nosso entendimento de lugar de memória parte do conceito elaborado por Pierre Nora (1993).

³ Para saber mais sugerimos ver artigo publicado sobre o assunto que se encontra disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/11542/7383> .

sobre o que as provocavam e qual a importância das mesmas para o público visitante e para a preservação e difusão do próprio museu.

Desse modo, partimos da hipótese de que a percepção museal do público visitante é a principal razão contributiva para que afluam diversas emoções nele mesmo, através da relação que travam com os objetos expostos no contexto do Museu Gruppelli.

Tendo como referências as considerações anteriores, resolvemos propor um conjunto de questões à pesquisa, que são: Quais emoções, além das já citadas acima, podem ser afloradas pelo público em sua relação contextual e cultural com os objetos expostos do Museu Gruppelli, mediadas pela percepção museal? Qual fator (ou quais fatores) suscitam essas outras emoções no público? Existiriam emoções mais intensas (marcantes) que outras? Se sim, quais seriam e por quê? Nesse momento podemos falar em uma “emoção patrimonial”? E o que podemos entender como tal? Algum objeto (ou alguns objetos) suscitariam mais emoções que outros no público a partir da ativação de suas percepções museais? Se sim, quais seriam e por quê? Que relações podem ser estabelecidas entre memória social, emoção, museu e patrimônio cultural? As emoções que são afloradas no público têm o potencial de ajudar na preservação e difusão do patrimônio cultural e das instituições museológicas?

2. METODOLOGIA

A pesquisa está sendo realizada sob a forma de um estudo de caso (YIN, 2001). Estamos utilizando como ferramenta principal de coleta de dados a entrevista presencial e, igualmente, observação do pesquisador. A entrevista é semiestruturada, por meio de uma conversa de finalidade, elaborada pelo pesquisador, abordando questões com temáticas abertas e fechadas (CRUZ NETO, 1994). As entrevistas estão sendo aplicadas ao público frequentador do Museu, tanto o morador da zona rural, como da zona urbana, durante a visita.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram aplicadas 64 entrevistas⁴ no Museu, no período de julho a dezembro de 2018. Os visitantes foram convidados, pelo pesquisador, de forma aleatória, a participarem da pesquisa, durante a visita. Já outros entrevistados foram convidados quando o pesquisador percebia o interesse emocional dos visitantes pelos objetos expostos.

Indagados⁵ se existia algum objeto que lhe despertava alguma emoção ao ser observado, todos os 61 entrevistados disseram que sim. Entre os objetos mencionados podemos citar: carroça (25 pessoas), máquina de debulhar milho (14 pessoas), objetos do cenário da cozinha (louças, bules, xícaras), (10 pessoas), objetos do cenário da mercearia (balança, baleiro, televisão, caixa registradora), (9 pessoas), tacho (6 pessoas), picador de pasto (6 pessoas), lampião (6 pessoas), pilão (5 pessoas), objetos do cenário da barbearia (5 pessoas), fumigador (2 pessoas), arado (2 pessoas), foice (2 pessoas), entre diversos outros.⁶

⁴ Das 64 entrevistas realizadas 61 foram consideradas válidas e utilizadas para análise. Três entrevistas não foram consideradas válidas porque as respostas obtidas durante a realização das mesmas não contribuiria para que pudéssemos atingir nosso objetivo de pesquisa.

⁵ Pelo pouco espaço para a escrita do texto vamos apresentar aqui somente uma pergunta que foi feita aos entrevistados.

⁶ Nessa parte da questão os entrevistados puderam citar mais de um objeto.

Entre as emoções despertadas pelos entrevistados, a partir de suas percepções museais na relação travada com os objetos, mencionamos: saudade (32 pessoas), felicidade (23 pessoas), nostalgia (12 pessoas), orgulho (6 pessoas), amor (6 pessoas), afeto (6 pessoas), gratidão (4 pessoas), serenidade (3 pessoas), medo (2 pessoas), amizade (2 pessoas), tristeza (1 pessoas), paixão (1 pessoa), coragem (1 pessoa), angústia (1 pessoa), esperança (1 pessoa).⁷

Para uma melhor análise dos dados dividimos as respostas dos entrevistados em três categorias, que são elas: trabalho, lazer e outros.⁸ Das 61 respostas 34 se enquadram na categoria trabalho. Vinte na categoria lazer e 18 na categoria outros.

Na categoria trabalho mencionamos o uso dos objetos pelos entrevistados no período da infância ou não, os quais estavam geralmente acompanhados de membros da família (pais, avós, tios, irmãos, bisavós). Lembra-se de notarem também, seus parentes usando os objetos para essa finalidade. Essas memórias e emoções estão relacionadas tanto pelo contato direto ou indireto pelos entrevistados em relação aos objetos. Na categoria lazer citamos o uso da carroça, por exemplo, pelos entrevistados para ir aos bailes, jogos de futebol, visitar parentes; lembra-se de ir ao barbeiro para cortar o cabelo na companhia de familiares; de brincar de debulhar milho na máquina; de se reunir à mesa com a família para tomar café e assim conversar sobre os assuntos do dia a dia; por ir aos jogos de futebol da colônia, entre outros. Já, na categoria outros se enquadram as respostas dos entrevistados por terem feito menção de lembrar-se de quando faziam juntamente com os avós a compra de mercadorias no mercado; medo de ir ao dentista; pela surpresa de rever os objetos que há tempos não via; por usar os tamancos para ir à escola; por remeter à família; por ter vivido esse período; pelo Museu remeter a casa, o lugar de residência; de se deslocar na carroça de um lugar para outro; entre outras.

A carroça, por exemplo, é considerada para o entrevistado Nilson Loeek um símbolo para a colônia. Objeto que mais lhe emociona, desperta afeto. Segundo ele a carroça era o principal meio de transporte da época, era utilizada para carregar de tudo. Observamos que o entrevistado fala com orgulho e com um sorriso de felicidade por ter usado esse objeto e por ter participado desse período.

Outro objeto muito mencionado foi à máquina de debulhar milho. É comum encontrar na fala dos entrevistados desta pesquisa e de outras, que o objeto é considerado a mais importante invenção da época. A fala dos entrevistados vai de encontro aos argumentos defendidos por Tom Philbin (2006). Para o autor, a máquina de debulhar pode ser considerada uma das 100 maiores invenções da humanidade. A máquina de debulhar milho que está no Museu Gruppelli já é um aperfeiçoamento tecnológico da primeira debulhadora que foi patenteada em 1837. De acordo com a entrevistada Deize Beatriz Siefert antes da máquina todo trabalho era feito de forma manual. Esse objeto facilitou imensamente a vida do homem no campo contribuindo para que o trabalho fosse realizado de forma menos árduo e mais rápido. Para ela, à máquina ao ser percebida lhe desperta alegria e saudade por lembrar-se do tempo que debulhava milho na companhia da família, para a alimentação dos animais que tinha em casa, como: porco, cavalo, galinha e vaca. A entrevistada fala com um sorriso de felicidade no rosto.

⁷ Nessa parte da questão os entrevistados puderam citar mais de uma emoção.

⁸ Excepcionalmente nesta questão os entrevistados puderam citar mais de um objeto que lhe emocionou, fazendo com que suas respostas se enquadrassem em mais de uma categoria.

Constatamos aqui, que diversas emoções foram despertadas pelos entrevistados na relação museal travada com os objetos. Nesse momento podemos falar em uma emoção patrimonial, uma vez que ela acontece, segundo Palumbo (20013), quando há paixão das pessoas em relação aos bens patrimoniais. De acordo Heinch (2013), a emoção patrimonial ocorre quando há um sentimento de reconhecimento e apropriação por parte dos sujeitos em relação ao patrimônio. Ela é responsável por ajudar na afirmação identitária dos sujeitos e grupos.

4. CONCLUSÕES

Entendemos a partir desse trabalho que o ato de se emocionar é componente relevante das nossas experiências museais. Os espaços museológicos não podem deixar de lado essa questão, pelo contrário, precisam levar em consideração esse fator. Deve procurar através de suas diversas ferramentas comunicacionais, ativar a percepção museal do público para que os mesmos possam aflorar distintas emoções.

Este trabalho busca extrapolar o sentido burocrático-jurídico do trato patrimonial e invadir o campo da negociação simbólica emotiva. Uma vez que, os “museus não podem ser concebidos como templos ou fóruns, palácios ou cemitérios, porque é muito mais útil pensá-los **como palcos**” (SOARES, 2012, p. 203, negrito nosso). Ou seja, identificamos neste estudo que os entrevistados ao se emocionarem e narrarem suas histórias de vida que tiveram na companhia dos objetos tornam-se protagonistas, atores das dinâmicas sociais e o Museu Gruppelli seu palco de atuação. Nesse sentido, podemos afirmar que as emoções afloradas pelo público são indispensáveis para que os museus (entre eles o próprio Museu Gruppelli) e os patrimônios existam e funcionem a contento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ NETO, O. Trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

HEINICH, N. Esquisse d'une typologie des émotions patrimoniales. In: FABRE, D. (Org.). **Émotions patrimoniales**. Paris: Éditions de La Maison des Sciences de L'homme, 2013. p. 195-210.

PALUMBO, B. Émotions patrimoniales et passions politiques (Sicile orientale). In: FABRE, D. (Org.). **Émotions patrimoniales**. Paris: Éditions de La Maison des sciences de l'homme, 2013. p. 357-375.

PHILBIN, T. **As 100 maiores invenções da história**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.

SOARES, B. B. Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal. **Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012**. Petrópolis, Nov/ 2012. p.192-204.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.